

A TEORIA DO LABIRINTO DA DIFERENÇA DE FELIPPE SERPA: INDÍCIOS PARA SE PENSAR AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Jilvania Lima dos Santos*

RESUMO: *O texto apresenta uma das problemáticas abordadas pelo professor Felipe Serpa: a lógica da produção científica em educação: labirinto da diferença ou autopista da identidade. Ressalta que, visando à construção de outros caminhos para as sociedades humanas, sem classes e sem hegemonias universais, e uma vigorosa consciência de atitudes em prol da vida, é importante observar se o conhecimento científico está fundamentado na nova base material e histórica dada pela centralidade do chip ou ainda trilha na concepção da máquina a vapor. Afirma que a ciência, pensada sob a égide da pluralidade conceitual e técnica, pode promover múltiplos discursos e significativos modos de conhecer e produzir sentidos. A perspectiva trabalhada, portanto, sinaliza que, nas pesquisas em educação, há uma possibilidade de mudança de conduta, referente à concepção epistemológica e à utilização exacerbada dos modelos instituídos, pautada nos princípios de linearidade, certeza, dogmatismo, não-flexibilidade e não-pluralidade. Salienta a necessidade de promover a vida e romper com a lógica da ciência institucionalizada, cuja meta central é a autopista da identidade. A partir dessa síntese compreensiva, destaca-se que, do ponto de vista da ciência pedagógica hodierna, o trabalho de Serpa tem uma riqueza particular: ativa um tempo-espacial não-determinista, não-linear, que, graças às potências latentes, aponta para múltiplas bifurcações, favorece o imprevisto, o acaso, o surgimento do novo e produz estados multiformes e multicores da arte. Portanto, suas percepções são como chaves significativas para a compreensão da pluralidade dos contextos e das possibilidades de pesquisas no processo educativo de humanos para humanos.*

PALAVRAS-CHAVE: Diferença; Ciência; Educação

INTRODUÇÃO

Uma cidade qualquer mantém sua estrutura não porque permaneça isolada, mas porque troca continuamente “bens” com o campo que a cerca. A cidade é um sistema aberto, situado permanentemente em condições de não-equilíbrio. Estas são as características diferenciadas que conduzem a um estado estável e estruturado. (PRIGOGINE, apud SCHNITMAN, 1996, p.31)

Inspirados nesse trecho, de Ilya Prigogine, e na *teoria do labirinto da diferença*¹, de Felipe Serpa, diríamos: – A cidade é una. O universo é uno. Fazendo uma analogia entre a

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Mary de Andrade Arapiraca. Técnica da Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos da Universidade Católica do Salvador; Professora e Coordenadora do Núcleo de Prática do Curso de Letras das Faculdades Jorge Amado. estágios@ucsal.com.br.

¹ Com a teoria do *labirinto da diferença*, estamos manifestando uma possibilidade teórica que se apresentou durante nosso convívio com o professor Felipe Serpa. Qualquer atribuição indevida ao pensamento desse autor é de inteira responsabilidade da pesquisadora. Poderíamos, para estar mais de acordo com os seus pensamentos, escrever (no plural): *teorias dos labirintos das diferenças*, já que seu trabalho *teórico-prático-metodológico* sinaliza para a vivência e a convivência com a pluralidade, os múltiplos contextos etc. Por outro lado, compreendemos essa síntese, *teoria do labirinto da diferença*, como o movimento do *plano de imanência*, de Deleuze e Guattari (1992), ou seja, um movimento que produz *velocidades conceituais* e as manifesta, lançando-as de volta para si, isto é, para o (seu movimento) infinito. Isto porque “o plano de imanência toma do caos determinações, com as quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos. Pode-se, deve-se então supor uma multiplicidade de planos, já que nenhum abraçaria todo o caos sem nele recair, e que todos retêm apenas movimentos que se deixam dobrar juntos” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 68).

cidade e o universo, compreendemos que suas respectivas unicidades são devidas ao movimento caótico dos fluxos e das trocas contínuas de “bens” com o campo que a cerca, provavelmente, sem ele (o movimento caótico), não haveria vida. Entretanto, para Serpa (In GALEFFI, 2002), só compreendemos esse *uno* com a *mente vazia criadora*², observando a dinâmica do *presente-instante*.

Na história, há uma dinâmica, um ir e vir, onde o movimento de *retorno* é para esse *uno*, *vazio*, *em potência*, e não o *uno* determinado por uma narrativa e por uma hierarquia ou por um poder institucionalizado, mas um *uno vazio*, horizontal, afirma Serpa (In GALEFFI, 2002). Nesse sentido, em sua perspectiva, para *conhecermos* o *universo* só compreendendo o *vácuo quântico* e para produzirmos o conhecimento só com a *mente vazia*. Embora o conhecimento sistematizado e institucional seja importante, salienta.

De acordo com esse autor, há uma má compreensão dessa idéia da *mente vazia*, pois comumente pensamos nessa proposição contra o conhecimento vigente, o que para Serpa (In GALEFFI, 2002) é um equívoco, porque, segundo ele, com essa idéia, não se está afirmando a irrelevância do conhecimento sistematizado, porém, acrescenta ele, o *mais importante do que esse conhecimento é conhecer o conhecimento*, isto é, a ação de sabê-lo e produzi-lo.

Essa *mente vazia* é um grande labirinto. *Labirinto de diferenças* pensadas como diferenças, ou seja, nessa compreensão não tem $A=A$ ou $A \neq B$, mas todos os *As* e os *Bs* são *diferentes entre si*, isto é, $A \neq A$ e $B \neq B$, conseqüentemente, $A=B$. Justamente, por isso são iguais, ou seja, na compreensão de Serpa, todos eles (*As* e *Bs*), potencialmente, têm um universo de todas as *diferenças*³.

A diferença tem sua experiência crucial: toda vez nos encontramos diante de ou em uma limitação, diante de ou em uma oposição, devemos perguntar o que tal situação supõe. Ela supõe um formigamento de diferenças, um pluralismo de diferenças livres, selvagens ou não domadas, um espaço e um tempo propriamente diferenciais, originais, que persistem através das simplificações do limite e da oposição. (DELEUZE, 1988, p. 97).

Quando *A* aparece, aguardamos *B* com uma força correspondente à impressão qualitativa de todos os *AB* contraídos. É preciso notar, sobretudo, que não se trata de uma memória nem de uma operação do entendimento: a construção não é uma reflexão. Propriamente falando, ela forma uma síntese do tempo. Uma sucessão de instantes não faz o tempo; ela também o desfaz; nele, ela somente marca o ponto de nascimento, sempre abortado. (DELEUZE, 1988, p. 128).

Encontramos sintonia entre esses fragmentos deleuzianos e a obra de Felipe Serpa (In GALEFFI, 2002; 2004), no que se refere à *não-unicidade* padronizada efetivamente, ou seja, *não-linearidade*, a partir da qual compreendemos que o padrão é simultaneamente o padrão e o *não-padrão*, isto é, a unicidade no diverso, nos fluxos, nas trocas: *um formigamento de diferenças, um pluralismo de diferenças livres, selvagens, não domadas*.

² Quando Serpa aborda sobre essa questão de *mente vazia*, ele nos remete à *mente nova* criadora, de Juddi Krishnamurti, em diálogo e atenção permanentes com a *mente velha condicionada*, tratada na tese de doutorado da professora Noemi Salgado Soares, defendida em 2001, na Faculdade de Educação da UFBA.

³ A maioria das discussões, em voga, acompanhada por nós, sobre *diferença* não parte dessa perspectiva aqui apresentada, como síntese compreensiva dos diálogos ocorridos no Programa de Pós-Graduação, da FACED/UFBA, principalmente, nas disciplinas de *Filosofia e Linguagem*; *Seminário de Pesquisa em Educação*; e *Epistemologia do Educar*. No EPENN/2001 (Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste), realizado na Universidade Federal do Maranhão, UFMA, em São Luís, por exemplo, o professor Jamil Curi, ao fazer a abertura desse evento, cujo tema era “Educação, Movimento e Cidadania”, criticou a *filosofia da diferença*, afirmando que esta gera desigualdades — ou encobre os processos sociais de desigualdade. No entanto, segundo Serpa, o gerador de desigualdades é o *fundante da identidade*, a diferença que ele se referiu, na nossa perspectiva, foi a *diferença-conceito*, que é linear e rígida, isto é: $A=A$, $B=B$, conseqüentemente, $A \neq B$.

Nesse sentido, em consonância com Serpa (In GALEFFI, 2002), quando há uma precipitação de algum acontecimento no plano real, nossa expectativa é sempre renovada, atualizada, não pela memória sistemática, mas por um tempo com tempo próprio, independente de marcações psicológicas. Afinal, *uma sucessão de instantes não faz o tempo; ela também o desfaz; nele, ela somente marca o ponto de nascimento, sempre abortado.*

UM POSSÍVEL CAMINHAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Segundo Serpa (In GALEFFI, 2002), pensando a partir dessa compreensão não-linear e caótica, anteriormente tratada, este poderia ser o caminho (o fundante) das ciências humanas: a *diferença*. Na concepção desse autor, quando ele se refere à ciência, cujo fundante é a *diferença*, compreende-se aí a *diferença* no indizível, como diz Deleuze (1988), *não-dita*, virtual, em potência, isto é, *labirinto da diferença*.

De acordo com Serpa (In GALEFFI, 2002), quando há um acontecimento, há uma singularidade, uma precipitação, mas sempre (como num jogo) se retorna ao espaço, ao universo virtual, ao *labirinto da diferença*. Para ele, joga-se um jogo qualquer, por exemplo, produzindo, a partir daí, eventos, singularidades. Contudo, na sua perspectiva, volta-se para esse espaço virtual de possibilidades.

Esse pensador compreende que os *seres humanos são* esse universo infinito, potencial de possibilidades, latente, e cada um se singulariza em cada jogo social. Porém, adverte-nos Serpa (In GALEFFI, 2002), singulariza-se em cada jogo social, mas *retorna ao labirinto da diferença*, e, na sua concepção, é nesse universo virtual, da *diferença* como fundante, que todos os grupos humanos são iguais e detêm a mesma possibilidade, no entanto jogam e criam jogos distintos, que configuram os processos identitários.

Por outro lado, segundo Felipe Serpa (In GALEFFI, 2002), pensar na *diferença* como conceito, ou em qualquer outra forma de representação conceitual, reduz a potência das possibilidades, uma vez que se pode inferir que a *diferença* se constitui em base às opções subjetivas, e o elemento em discussão é muito mais radical, isto é, propõe um retorno à raiz das *coisas mesmas*. Inclusive, porque, para esse autor, não se trata de representar somente a *diferença* em base ao reconhecimento das singularidades de cada um, mas percebermos que esse conceito também provoca a fundação e a articulação processual de múltiplos sentidos e contextos. Assim, de acordo com ele, pensar na *diferença como diferença* é a possibilidade de uma reflexão sobre a humanidade do *Homem*, seus horizontes e suas relações com o outro no mundo.

A *diferença*, como princípio fundante, é uma base que diz respeito ao real nas suas potencialidades espirituais (culturais). E não aos constructos históricos que a razão monológica foi capaz de determinar na sua trajetória, propriamente, cultural.

Essa perspectiva compreensiva descortina o solo estável das construções científicas (culturais) fixas e monológicas e abre para as possibilidades de viver o instante, que não está nem no passado nem no futuro, mas no acontecimento da *agoridade de agora*, que se instala como uma realização das infinitas potencialidades.

Na concepção de Serpa (In GALEFFI, 2002), a *diferença* não nos separa, nos une nesse universo vazio, porque cada indivíduo é a humanidade na *mente vazia*. Mas a lógica da identidade ($A=A$; $B=B$, logo, $A \neq B$) nos marginaliza, porque nos separa em católico, protestante, ateu, judeu, preto, branco etc.

No entanto, partilhando da compreensão desse autor, quando pensamos na *diferença como diferença*, cuidamos da vida, porque os acontecimentos e as singularidades precipitadas no real nos lançam novamente ao *labirinto da diferença* (mente vazia, vácuo quântico), na perspectiva de encontrarmos ou inventarmos outros modos de *ser-fazer-dizer-agir*

conjuntamente uns com os outros, articulados numa *teia virtual protetora*, onde todos são *iguais* e ao mesmo tempo *um*.

Assim sendo, para fazermos uma construção *teórico-metodológica*, científica ou não, por exemplo, na perspectiva da *teoria do labirinto da diferença*, ou para desenvolvermos uma práxis pedagógica a serviço da concretização da potência criadora, em favor da qualidade da vida de todos os grupos humanos, é preciso compreender que os seres humanos (o universo inteiro) são, como afirma Serpa (In GALEFFI, 2002), um grande vazio de possibilidades contínuas e infinitas.

Nessa perspectiva, em consonância com *a teoria do labirinto*, o que se coloca no processo educacional, quando o fundante é a *diferença*, é a vivência e a convivência, isto é, o viver e o conviver com os acontecimentos, com suas intensidades, com as configurações contextuais etc. Por isso, para Serpa (In GALEFFI, 2002), o processo educativo precisa ser centrado no que acontece no momento do *aqui-agora-presente* das salas de aula em conexão, do ponto de vista virtual, com todo o universo latente de possibilidades.

Os educandos e os professores precisam estar atentos exatamente na dinâmica da precipitação, para, ao mesmo tempo, segundo Serpa, compreendendo o presente, entender todas as redes interligadas ao evento de fora dos muros da escola.

Na percepção desse autor, estudantes e educadores, certamente, compreendendo essa dinâmica do *labirinto da diferença* e experimentando vivenciar esse *vazio interconector* de vidas *vividas e viventes*, acabam se entendendo e entendendo-se com a humanidade toda. Desta forma, para Felipe Serpa (In GALEFFI, 2002), cada vez mais, no processo educativo, desenvolveremos a capacidade de *caminhar* com o outro e não de transformar o *outro* no *eu*, porque o *outro* sou *eu*, virtualmente, afirma.

Na sua perspectiva (In GALEFFI, 2002), a pedagogia ainda não incorporou essa dinâmica da *mente vazia* no cotidiano escolar; para ele, somente a intelectual é privilegiada. É esse dado, em sua percepção, que diferenciara a nova sociedade, pois a operação da razão será compreender e exercitar essa *mente criadora*, vivendo e convivendo contextos múltiplos, potentes, no instante do *aqui-agora-presente*. Em suas palavras:

A mente é vazia, enquanto realidade, mas cheia em potência como virtualidade. A liberdade e a autonomia estão no âmbito da potência da mente como virtualidade. Uma educação que pretenda liberdade e autonomia permitirá a expressão dos acontecimentos resultantes da atualização dessa potência da mente. (SERPA, 2004a, p. 01)

A escola passaria, então, na compreensão de Serpa (In GALEFFI, 2002) a ser um exercício de *mente vazia*, em estado de atenção criadora. Porque, segundo ele, o condicionado e o conhecido já estão disponíveis pela tecnologia, bastaria os professores e jovens adolescentes terem acesso à tecnologia para aprenderem as coisas já instituídas e inventarem o ainda não pensado, isto é, o *a-se-pensar*⁴.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O movimento é relativo a quê? É relativo ao referencial. Ou seja, se toma a estação como referencial, o passageiro dentro do trem está em movimento, e se toma o outro passageiro dentro do trem em movimento como referencial, aquele

⁴ Expressão retirada do livro *Heráclito*, de Heidegger, no qual este autor, para explicar a (possível) obscuridade de Heráclito, levanta a questão do *a-se-pensar* sobre a obra desse *pensador originário*. Este termo, para Heidegger (2000), “significa o que a partir de si mesmo surge para o aberto e o livre no aparecimento, embora sempre siga uma regra. Vigorar é a essência do jogo” (p. 39). Daí, ressoa em nós a necessidade de pensar o ainda não pensado nos processos instituídos da ciência.

primeiro passageiro está parado. O que Galileu afirma é que só se pode perceber o movimento relativo, e não o absoluto. O passageiro dentro do trem não pode ter a consciência desse movimento a que ele também está sujeito. (SERPA, 2004, p. 37)

A ciência, quando pensada monologicamente, na percepção de Felipe Serpa (In GALEFFI, 2002), é uma doutrina. E como doutrina, é uma religião. Para esse autor, o que nós, pesquisadores da educação, “recebemos” e “sofremos” é o *catecismo*. Afinal, provoca Serpa, a concepção rígida de uma única via é para os militantes religiosos. Segundo ele, todo conhecimento científico tem a sua erudição, o seu referencial, o seu ideal, o seu procedimento, a sua verdade etc., e que ele não é nem estático, no sentido de configurar-se numa verdade fixa e rígida, nem linear, no sentido de convergir-se ao infinito. Em cada momento da história, se as relações históricas mudam, têm-se rupturas completas, que nascem a partir do passado, e passa-se a constituir uma nova verdade, finaliza o autor.

Na compreensão de Serpa, o problema se instaura quando pretensos cientistas, a partir de um caso da ciência, transformam essa estrutura interna (de verdade, de métodos, de erudição etc.) em *catecismo*, segundo ele, numa coisa manual, técnica, mais simples, visando solucionar tudo e aplicá-lo em todos os contextos. Isso é o que a ciência linear, positivista e progressista, faz: caminha na *autopista*.

Para Serpa (In GALEFFI, 2002; 2003b), hoje, século XXI, precisamos perder a idéia de substituição de uma hegemonia universal por outra. Para ele, pensar e agir na direção da pluralidade de novos caminhos é a melhor forma crítica de enfraquecer o império das hegemonias universais. Nessa perspectiva, compartilhando a compreensão de Paul Feyerabend, Felipe Serpa (2004) afirma que para um cientista ampliar ao máximo o conteúdo empírico das concepções que sustenta, e entender aquelas concepções tão claramente quanto possível, precisa introduzir concepções outras, isto é, “deve adotar metodologia pluralista”.

Isto porque, na sua percepção, as hegemonias universais foram (são) responsáveis por genocídios materiais, físicos e simbólicos cometidos contra a humanidade, destruindo vidas e modos de vida. Para Serpa (In GALEFFI, 2002), o dia que nós tivermos uma multiplicidade de hegemonias, uma horizontalidade, o *Homem* caminhará para a liberdade e a paz. É preciso aprender a lidar com as singularidades e com o *não-conceitualizado*, estruturado, sistematizado, dogmatizado, enfatiza, questionando sobre a incapacidade da ciência pedagógica em lidar com as singularidades e com o não-instituído, isto é, o *a-se-pensar*. (!)

Por outro lado, sinaliza Serpa (In GALEFFI, 2002), quando o fundante do conhecimento é a *autopista* (a *identidade*), é muito difícil compreendermos a dimensão da *teoria do labirinto da diferença*. Nesse sentido, a *pluralidade* no processo das pesquisas, segundo esse autor, desenvolvidas no âmbito educativo, será um espaço criativo, se o fundante for o *labirinto*. Provavelmente, do contrário, caso seja a *autopista*, acaba-se recaindo ou num ecletismo, portanto não criativo, ou numa superficialidade enorme.

Em sua compreensão, precisamos entender que a coisa mais fundamental, contemporaneamente, no caso específico das *escolas de ensino formal*, é trazer o *novo*: novos discursos, novos caminhos, novas formas de conhecer e não repetir *mesmices* ou adotar *modelitos* prontos e acabados: *receitinhas pedagógicas*, que acabam se configurando numa espécie de ecletismo esvaziado. Acrescenta, ainda, que o mais importante nesse processo do conhecimento, isto é, do conhecer (da sabedoria), é exatamente a *dobra* entre o *universo* e o *evento*: a singularidade. Portanto o presente. Conclui, afirmando que o mais fundamental é a abertura para o retorno a esse universo virtual de possibilidades, tendo como fundante a *diferença*.

Dessa maneira, na concepção de Serpa (In GALEFFI, 2003), promover novas formas para se romper a ciência institucionalizada – cuja meta central é a *identidade*, ou seja, a *autopista* – se faz imprescindível no processo de aprendizado para o convívio com o *labirinto da*

diferença. Precisamos ainda, na sua percepção, desestruturar a identificação institucional do conhecimento, criando dinâmicas afetivas e cognitivas de produção de conhecimento para a escola ser identificada pela sua multiplicidade, porque, segundo ele, é uma pobreza os processos de educação formal serem reconhecidos pela sua *monologicidade*, por uma ratificação do poder instituído.

Partindo desse horizonte compreensivo do *labirinto da diferença*, Serpa (In GALEFFI, 2002) sugere que analisemos, na estrutura do que se imagina um discurso de persuasão, como referência e criação de uma determinada produção científica, o seguinte: qual é o fundante desta operação científica (cultural)? É a *autopista* ou o *labirinto*? Qual é a sua lógica interna: a *diferença* ou a *identidade*?

Precisamos pensar, a partir dessas provocações acima, por exemplo, se um determinado caso de ciência, compreendendo aí sua teoria e procedimentos técnicos, caminha pelos princípios da linearidade, da certeza, do dogmatismo, da não-flexibilidade, da não-pluralidade etc, ou o contrário. Isso porque, na percepção de Felipe Serpa (2004), para constituirmos novos caminhos para sociedades humanas sem classes e hegemonias universais, e para uma vigorosa consciência de atitudes em prol da vida, é importante verificarmos se tal ciência está baseada na nova base material e histórica dada pela centralidade do *chip* ou ainda trilha na concepção da máquina a vapor. Além disso, compartilhando das concepções de Paul Feyerabend, para esse educador,

... a tarefa do cientista não é mais a de “buscar a verdade” ou a de “louvar ao Deus” ou a de “sistematizar observações” ou a de “aperfeiçoar as previsões”. Essas são apenas efeitos colaterais de uma atividade para a qual sua atenção se dirige diretamente e que é “tornar forte o argumento fraco”, tal como disse o sofista, “para, desse modo, garantir o movimento do todo. (FEYERABEND, apud SERPA, 2004, p. 52)

[...] Feyerabend está propondo uma concepção de totalidade. A prática está distante da idéia do todo, definido como o movimento dessa unidade contraditória na produção do conhecimento. Quer dizer, o critério que identifica essa produção, automaticamente, é realmente uma unidade, porque vai substituir o objeto por um conjunto de relações. Então esse conjunto deve traduzir a unidade entre teoria e prática. Não há nenhuma mediação e a unidade é o movimento. Então quando ele fala, para garantir o movimento do todo, está se referindo a essa totalidade. (SERPA, 2004, p. 53)

Assim, a partir dessas sínteses compreensivas, queremos ressaltar que o trabalho de Serpa nos permite construir uma concepção *científico-pedagógica* que tem uma riqueza particular: não é um *tempo-espacial determinista*, linear, mas um que, graças às potências latentes, aponta para múltiplas bifurcações, favorece o imprevisto, o acaso, o surgimento do *novo* e produz estados multiformes e multicores da arte. Portanto suas percepções são como chaves significativas para compreendermos a pluralidade dos contextos e as pesquisas de humanos para humanos. Cada um, à sua maneira, nos possibilita exercitar “a vida como um estado tensivo permanente entre o infinito de possibilidades e a finitude das instituições e dos grupos humanos” (SERPA, 2004, p. 216).

Desse modo, provavelmente, ao pensar nas pesquisas em educação, nessa ambiência perceptiva da *teoria do labirinto da diferença*, fica o *sentimento do guerreiro*, na justa medida; pelo qual ele é lançado para o universo virtual, onde *tudo vale* na perspectiva da relatividade, isto é, vale a partir de um referencial significativo para os grupos humanos, que, ao mesmo tempo em que é lançado, lança um dos guerreiros para o plano infinito de possibilidades. Assim, o guerreiro, *consciente-de-si-com-outros* no mundo, brinca, ouve, vê e chora... Com ele, partilhamos *a precipitação das singularidades e dançamos juntos a música harmoniosa do*

universo... enquanto os Homens festejam por estarem aprendendo a viver e a conviver nos labirintos das diferenças, percebendo seus mais diversos graus, tons, cores e matizes...

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. / Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALEFFI, Dante Augusto. **Regimes epistemológicos nas pesquisas em Educação**. Volumes I e II, Salvador: Quarteto, 2002, 1.041p. (Relatório final de pesquisa – Bolsa PRODOC 2000-2002).

_____. **O ser-sendo da Filosofia**: uma compreensão poemático-pedagógico para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: EDUFBA, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 1997. (Coleção Práxis)

NISKIER, Arnaldo. **LDB: a nova lei da educação**: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. / Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Paidéia)

SERPA, Felipe. **Rascunho Digital: diálogos com Felipe Serpa**. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. *Comentários*. In: **Rascunho Digital**. Disponível em: www.faced.ufba.br/rascunho_digital/ Acesso em: 19 jun. 2004a.